



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JOÉLITON SILVA DE BRITO**

**Da ancoretta ao galão: as sociabilidades dos campinenses no entorno dos chafarizes entre os anos 50 e 60 do século XX.**

**CAMPINA GRANDE-PB**  
**2014**

**JOÉLITON SILVA DE BRITO**

**Da ancoretta ao galão: as sociabilidades dos campinenses no entorno dos chafarizes entre os anos 50 e 60 do século XX.**

Artigo de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau em Licenciatura Plena em História.

**Orientador:** Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira

**CAMPINA GRANDE – PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B862a Brito, Joéliton Silva de.

Da ancoretta ao galão [manuscrito] : as sociabilidades dos campinenses no entorno dos chafarizes entre os anos 50 e 60 do século XX / Joéliton Silva de Brito. - 2014.

24 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Matusalém Alves Oliveira, Departamento de História".

1. Abastecimento de água. 2. Sociabilidade. 3. Campina Grande. I. Título.

21. ed. CDD 628.1

**JOÉLITON SILVA DE BRITO**

**Da ancoreta ao galão as sociabilidades dos campinenses no entorno dos chafarizes entre os anos 50 e 60 do século XX.**

Artigo de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau em Licenciatura Plena em História.

Aprovado em 30/07/2014.



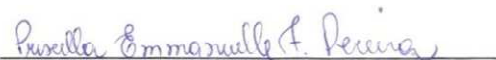
Prof. Matusalém Alves Oliveira / UEPB

Orientador



Prof. Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti / UEPB

Examinador



Profa.: Ms. Priscilla Emmanuelle F. Pereira / UEPB

Examinadora



*Aos Meus Pais,  
Maria da Guia e José Claudino*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus Amado por mais uma vitória acrescentada em minha vida, por todo seu amor e fidelidade a mim, sempre me coroando de benção a cada amanhecer;

Ao orientador Professor Matusalém Alves Oliveira, por sua dedicação. Aos Professores Anselmo Ronsard e Priscilla Emmanuelle pela disponibilidade em participar da minha banca examinadora;

A todos os meus professores, em especial ao professor Dr. Josemir Camilo, por todos os ensinamentos transmitidos. Aos colegas de turma por nossa trajetória juntos;

A minha esposa Kalina Bezerra e ao meu filho Heitor, pelo amor e confiança;

Aos meus pais José Claudino e Maria da Guia, aos meus irmãos Josinaldo e Joilson, e em especial a minha irmã Janaína Brito, por todo o apoio ofertado durante essa caminhada;

Ao amigo Pedro Paulo e minha cunhada Kamila; e a todos os outros amigos e familiares por suas contribuições significantes na concretude deste trabalho;

E a todos e todas que contribuíram de forma direta ou indireta para que eu pudesse atingir os meus objetivos.

A todos Vocês, muito obrigado.

## **Da ancoreta ao galão: as sociabilidades dos campinenses no entorno dos chafarizes entre os anos 50 e 60 do século XX.**

**BRITO, Joéliton Silva de.<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Campina Grande-PB, localizada no Agreste da Borborema, historicamente, tem enfrentado problemas por conta do abastecimento de água, desde o período imperial. Portanto, o referido artigo tem o propósito de buscar entender como parte da sociedade local vivenciou o problema do abastecimento de água, entre os anos 50 e 60 do século XX, quando o governo do Estado, criou o sistema de abastecimento de Vaca Brava. Grande parte da população passou a ser abastecida por um sistema de chafarizes. Assim, buscamos entender como se dava o processo de sociabilidade entre seus moradores que estavam obrigados a recorrerem aos chafarizes espalhados pela cidade em busca de água, independente de sua classe social. Para realizar essa pesquisa buscamos analisar escritos, como crônicas e obras historiográficas, que deram espaço à história daqueles necessitados, para colhermos a memória coletiva (HALBWACHS, 2006) de pessoas que viveram na referida época, utilizamos a História Oral.

**Palavras Chaves: Água; sociabilidade; abastecimento.**

### **Abstract**

Campina Grande-PB, located in the arid zone of Borborema, historically, has faced problems due to the water supply from the imperial period. Therefore, this Article is intended to try to understand as part of local society experienced the problem of water supply, between 50 and 60 years of the twentieth century, when the state government, created the system of Vaca Brava supply. Much of the population came to be fueled by a system of fountains. Thus, we seek to understand how was the process of sociability among its residents who were forced to

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História pela UEPB.  
Email. joelitonvacg@hotmail.com

resort to fountains around the city in search of water, regardless of their social class. To undertake this research we analyze written as chronicles and historical works, which gave space to the history of those in need, as well as files; to reap the collective memory (Halbwachs 2006) of people who lived in that time, we used the História Oral.

**Key Words: Water; sociability; supply.**

## **Introdução**

Campina Grande – Paraíba, cidade que tem sua História marcada por problemas quanto ao seu abastecimento d' água o que se perpetua na vida dos campinenses até os dias atuais, que veem a sofrer ainda mais com o aumento populacional que chega a “inchar” a cidade com o grande número de pessoas que chegavam à cidade como flagelados corridos das secas e outros que vinham entusiasmados com o crescimento na tentativa de melhorar de vida e ainda os que estavam em trânsito do sertão ao litoral e vice-versa, assim aumentando as negociações comerciais que alavanca consideravelmente a economia da cidade que estava a se destacar como um grande pólo, chamando a atenção dos governantes como a do presidente provincial Frederico Carneiro de Campos que na busca de solucionar o problema em 1846 vem até a Borborema e presencia horrores como coloca Elpídio de Almeida ao citar em História de Campina Grande um ofício enviado ao governo imperial no qual o presidente provincial citado acima diz:

“Logo que chequei a Campina conheci que eram infelizmente muito verdadeiras as informações que me haviam dado do estado de desgraça em que se achavam o s povos que dos sertões para ali haviam descido”. Famílias inteiras algumas das quais tiveram outrora bens de fortuna, viviam abrigadas debaixo das arvores e muitas percorriam as ruas das vilas pedindo esmolas; o aspecto da fome e da miséria estava pintado nos semblantes de todas essas vitimas, (...) em presença de quadro tão melancólico que difícil é descrever, entende que era obrigado a socorrer o quanto antes estes infelizes. (ALMEIDA, p.117).

Assim para solucionar o problema da falta de água que estaria a atrapalhar o desenvolvimento da cidade, teve como suas primeiras alternativas na tentativa de sanar o problema, a construção do Açude Velho, depois a do Açude Novo e, por fim, a do açude de Bodocongó. Como não bastando, tempos depois de o Bodocongó não ter dado resposta satisfatória, pois suas águas revelaram-se não ser potáveis, buscou-se o açude de Puxinanã, tendo ainda a construção da Barragem Vaca Brava (em Areia-PB) com uma rede de sete

chafarizes, no governo de Argemiro de Figueiredo. Por fim, dado o crescimento da população que em 1930 já chegava há 22.000 que vem aumentar até a década de 60 registrando 207.445 habitantes, assim não obtendo êxito em nenhuma dessas obras. Foi que surgiu certo alívio com a construção do Açude Epitácio Pessoa (Boqueirão-PB) em 1957.

Diante do seu crescimento populacional inesperado Campina Grande estava situada como entreposto comercial entre os que viajavam do sertão ao litoral e vice-versa, o que lhe proporcionou um elástico crescimento, esse que trouxe atrelados a ele inúmeros problemas à população, como o da falta de água que, por vezes, tentou-se solucionar com a construção de alguns açudes.

Em face do exposto pretendemos analisar como se davam os momentos em que seus moradores iam buscar água, como era feita a distribuição, como as pessoas se comportavam diante de tamanha peleja, quais as táticas para obter mais água ou romper com a fila e o que isto causava. Iremos operacionalizar a pesquisa bibliográfica a partir de fontes como: entrevistas, obras historiográficas, como também da memória coletiva.

Nosso artigo traz como objeto a falta de água em Campina Grande- Paraíba e como seus moradores conviviam diante desse problema, ou seja, como se dava os momentos de sociabilidade entre eles no entorno dos chafarizes, e será a partir de entrevistas onde tentaremos vislumbrar através da memória coletiva de pessoas que viveram tal período como se dava o referido processo e desenrolar da busca pela água. Como também utilizaremos os conceitos de Estratégias e Táticas de Michel de Certeau (2007), onde as estratégias serão vistas na ação de algumas pessoas que se utilizavam do problema da falta d'água para benefício próprio quando chagava o período eleitoral diante das questões políticas, já a tática será representada por alguns moradores que diante de filas enormes se utilizavam de diversas formas para tomarem a frente dos outros assim conseguindo sair na frente dos outros.

Como citado acima, ao longo do nosso trabalho utilizaremos aspectos teóricos metodológicos da memória coletiva para subsidiar o desenvolvimento da pesquisa, pois de acordo com Halbwachs (1990) memória coletiva é a memória de um grupo de pessoas, tipicamente passadas de uma geração para a seguinte, ou ainda a memória compartilhada de um grupo, família, grupo religioso, étnico, classe social ou nação.

Quando Halbwachs utilizou o termo memória coletiva para designar o fenômeno que surge da interação social, ele concordou com a sociologia tradicional de Durkheim que observou como as representações coletivas do mundo, incluindo as do passado, tinham suas origens na interação de entidades coletivas desde o início e que não poderiam ser reduzidas a contribuições de indivíduos. Eventos e experiências lembrados são raramente constituídos por indivíduos a partir de outros ou de seu grupo social. Os grupos aos quais os homens pertencem e aqueles que ele exclui do seu viver, como resultados de vínculos são todos temas importantes da vida cotidiana e contribuem para a forma e conteúdo das relações sociais que caracterizam nossas sociedades.

Há também, na memória, os lugares em que foram vivenciados os acontecimentos ou lugares de apoio à memória, como locais de referência. Por exemplo, pode se tomar o entorno do chafariz localizado na Rua Vinte Quatro de Maio no bairro da liberdade na cidade de Campina Grande, como marco na busca por água, sendo essa a forma de abastecimento da cidade. Cabe recordar que a memória é seletiva, isto é, nem tudo fica registrado. Ela pode ser herdada, ou seja, as preocupações do momento formam um elemento de estruturação da memória. Há uma forte ligação entre a memória e o sentimento de identidade (a imagem de si, para si e para a alteridade).

Para nosso artigo, a título de exemplo, foram realizadas algumas entrevistas no decorrer da pesquisa, com indivíduos que se utilizavam do abastecimento dos chafarizes entre os anos 50 e 60. Pudemos perceber que alguns se identificaram como sendo de um grupo diferenciado dos demais moradores da cidade, solidificando o social, criando uma identidade coletiva, com sentimento de unidade, continuidade e coerência. Esses são alguns dos aspectos da memória analisados onde cabem diferentes interpretações. O sociólogo Maurice Halbwachs (1990) considerou a memória como resultado de representações coletivas construídas no presente, que tinham por função manter a sociedade coerente e unida.

Assim a memória coletiva ou social passou a ser compreendida como parte constituinte ou das práticas reflexivas ou das construções sociais analisadas. Tanto através de testemunhos, quanto de textos constituídos, a memória foi resgatada como sendo o caminho mais eficaz de acesso aos impasses travados no passado. Dessa forma, ao realizarmos a pesquisa tivemos que ter a devida precaução diante dos fatos que nos foram transmitidos, pois necessitamos entender o que motiva as pessoas e suas memórias sejam elas sociais ou biológicas.

Outro elemento relevante para o nosso trabalho é a História Social, pois sabemos que, durante muito tempo, a única História vista era a da escola metódica dita positivista, ou seja, a história dos vencedores, dos homens de posses, do branco europeu que trazia sempre o seu oposto fragilizado, derrotado. O positivismo que cientificava o pensamento, procurando resultados claros, na busca de um ideal de neutralidade baseada na separação entre o pesquisador e seu trabalho para evitar registro de opiniões em sua obra. Mas eis que surge a escola dos Annales, vindo o positivismo a ceder espaço à Nova História. A Nouvelle Histoire francesa desviou o foco da economia para o estudo de “novos objetos”, promovendo também a utilização de novas fontes, visto que antes o que se verificava era apenas dado e fatos dos vencedores e nada daqueles de baixo; assim, estas passam a responder às novas inquietações, entre as quais se encontrou nosso objeto de pesquisa.

A preocupação com os problemas contemporâneos estava bem presente entre os seguidores e até mesmo entre os fundadores da escola dos Annales. Segundo Lynn Hunt (2001), a partir da década de 1970 houve o fortalecimento e a ampliação das pesquisas que iam além da análise demográfica socioeconômica e as percepções culturais passam a ser cada vez mais exploradas.

Dessa forma, levando em consideração essa grande ampliação do estudo de novos objetos ligados ao campo da história, como a História Social que vem a ser utilizada para o desenvolvimento desse trabalho, esta é segundo Castro (2011) mais um gênero que ganhou muita notoriedade e espaço entre os historiadores. A tradicional História Total costumava tomar os acontecimentos como de longa duração, partindo das classes dominantes e considerando suas rupturas apenas em grandes eventos. Novas formas de encarar a História revelaram um passado bem mais rico em detalhes. Segundo Barros (2004) esse gênero aborda objetos de pesquisa que são alheios ao mundo das elites, parte das classes menos favorecidas na sociedade, ou seja, esse novo modo de focar a História revelou amplos laços sociais e concedeu o papel de protagonistas da História, também, para classes inferiores.

Esse gênero da história é importante para nossa pesquisa, que traz como objeto a falta de água encanada em Campina Grande e como seus moradores conviviam com esse problema. Dessa forma, sendo a cultura compartilhada a que determina a possibilidade de sociabilidade nos agrupamentos humanos e da inteligibilidade aos comportamentos sociais, assim, a partir de entrevistas, tentaremos vislumbrar através da memória de pessoas que viveram tal período como se dava o referido processo e o desenrolar da busca pela água.

Também utilizaremos obras historiográficas que tratam sobre a cidade de Campina Grande, como História de Campina Grande de Elpídio de Almeida, que busca transmitir a história da cidade a partir de arquivos, cartórios e historiografia. Também teremos por base textos de outros autores que presenciaram os fatos na época, bem como de narrativas orais de memórias de pessoas que viveram aquela época, utilizando para isto dos recursos da História Oral. Segundo Alberti (apud PINSKY, 2005):

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (p. 155).

Sabíamos que partir da pesquisa de fontes orais encontraríamos dificuldades metodológicas, visto que, por conta da história positivista, muitos deixam a oralidade de lado não dando-lhe muita ênfase. No entanto, é a partir dela que podemos constatar a história das camadas menos favorecidas da sociedade, daqueles “sem história”. E isso provém do fato de muitos não acreditarem na neutralidade dos testemunhos, ou seja, irão contar apenas aquilo que os convém, mas com a possibilidade da utilização de novos objetos, novas fontes e novas metodologias também utilizaremos alguns levantamentos coletados de algumas fontes históricas a partir de revistas e livros historiográficos.

Para desenvolvermos essa pesquisa foram feitas entrevistas. Logo, diante das necessidades dessas fontes, o estudo sobre História Oral foi fundamental. Para isso nos utilizamos de Verena Alberti (2005). Em suas obras, a autora nos mostra a importância das fontes orais por nos possibilitarem mais uma forma de conhecer e entender o passado recente. Além disso, ela faz uma narrativa das funções dessa área, mostrando-nos os procedimentos para conseguir entrevistas com conteúdo aproveitável. Para Alberti (2005, p. 34), fazer história oral não é apenas sair com gravador e entrevistar aquele que cruza nosso caminho, isso pode resultar num trabalho perdido, num acúmulo de informações que não serão utilizadas, para que isso não aconteça é preciso que existam questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. Para a teórica, o emprego da história oral só se justifica no contexto da investigação científica, que pressupõe sua ligação com um projeto de pesquisa que já está em andamento. Logo, para desenvolver uma entrevista é preciso já ter um tema em mente para que as perguntas e as respostas sejam voltadas a esse objetivo:



Contudo, como qualquer método, a história oral tem uma natureza específica que condiciona as perguntas que o pesquisador pode fazer. Em se tratando de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que o viveram, é fundamental que tal abordagem seja efetivamente relevante para a investigação que se pretende realizar (ALBERTI, 2005, p. 29-30).

Segundo a autora, não podemos pensar que a História Oral narra o passado, ela deve ser considerada como um meio de ampliação do conhecimento já existente. “Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento” (Idem, p. 29). Alberti diz que qualquer tema, desde que seja recente ao ponto de ter personagens vivos é possível trabalhar com a História Oral. Diante dessa concepção, podemos então compreender a importância dessa história no desenvolvimento do tema aqui trabalhado, pois foi graças a ela que surgiu a possibilidade de colocar em prática os conhecimentos já existentes sobre o processo de sociabilidade no entorno dos chafarizes através dos relatos da população. Para este trabalho foram entrevistadas cinco pessoas, que trouxeram grandes contribuições.

Portanto para analisar os dados qualitativos a análise de conteúdo tem por objetivo a compreensão crítica das informações, que segundo MINAYO (2000) “preocupamo-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou representação”.

### **Peleja pela água**

Campina Grande cidade tem sua História muito entrelaçada com os esforços feitos, ao longo de décadas, visando à regularização de seu serviço de abastecimento de água, precário e deficitário desde sua fundação. A cidade nasceu no final do século XVII, tornado-se Vila Nova da Rainha em 1790, depois de um período de isolamento, foi adquirindo destaque econômico na segunda metade dos anos 1800, devido às atividades da pecuária e às plantações de algodão. As feiras de gado e de cereais de Campina Grande atraíam comerciantes de toda a região. Como podemos perceber a cidade em processo de expansão enfrenta problemas quanto ao seu abastecimento d'água e isso se perpetua até os dias atuais, visto que, o manancial que a abastece não suporta um longo período de estiagem, como também vem se tornando pequeno para abastecê-la, pois a cidade continua a desenvolverse vindo isso a ser um grande problema na vida dos campinenses que vem a sofrer ainda mais

com o aumento populacional que chega a “inchar” a cidade, como o que ocorreu no passado em que o grande número de pessoas que chegavam à cidade como flagelados corridos das secas e outros que vinham entusiasmados com o crescimento na tentativa de melhorar de vida e ainda os que viajam do sertão ao litoral e vice-versa. Com isto, Campina Grande aumentou as negociações comerciais que alavancaram consideravelmente a economia da vila.

Erguida num planalto, longe dos cursos de água mais regulares, Campina Grande teve seu destino de crescimento condicionado à menor ou maior disponibilidade dos recursos hídricos indispensáveis à sua sobrevivência como cidade e, conseqüentemente, dos seus habitantes. Então, se no começo de tudo, os poços do Louzeiro ou o Riacho das Piabas, abastecia aos moradores e viajantes, este último foi represado com a construção do Açude Velho, em 1830. Assim, se conseguiu superar duas grandes secas de 1845 e 1877, mas veio a secar com a grande estiagem de 1888, deixando sua população e centenas de retirantes do sertão sem água, o que aumentava ainda mais o problema. Os políticos entregaram a causa a Deus em reunião na Câmara de vereadores, pois não viam solução, já que, nem o Açude Velho e tão pouco o Açude Novo surtiram efeito. (ALMEIDA, 1962)

O Açude Novo, embora não se saiba ao certo em que ano foi construído, o que se sabe é que, segundo Almeida (1962) em 1830 foi terminado, vindo já em 1840 precisar de reparos, e secando com as fortes estiagens de 1844-1846, essas obras só iludiam os sonhos dos primeiros ocupantes de sua extensa Campina, com o correr do tempo, porém, a realidade foi comprovando que aquelas soluções eram lamentavelmente insuficientes para a cidade. Surgiam alternativas mais seguras e duradouras que atendessem à crescente demanda de água dos campinenses. (idem)

Com Cristiano Lauritzen, que foi prefeito por mais de vinte anos, tiveram-se os primeiros esforços, primeiro no sentido da solução o angustiante problema do abastecimento de água. Construiu o Açude de Bodocongó, entregue em 15 de janeiro de 1917, cujas águas se revelaram não potáveis.

Em seguida, com o governo de João Suassuna que esteve á frente da Paraíba a partir de 1924 tendo seu mandato encerrado em 1928, vindo em 1927 a solução dos lajedos de Puxinanã. Mais uma vez, mostraram-se insatisfatórios para atender ao crescimento vertiginoso da cidade,

A solução mais duradoura foi trazida por Argemiro de Figueiredo, em 1939, com a construção da Barragem Vaca Brava, em Areia, e respectiva adutora, como também a construção de sete chafarizes que, segundo a senhora Rita Sales<sup>2</sup>, em sua entrevista, nos relatou como sendo o primeiro nas boninas no centro, um na famosa Rua do Fogo outro próximo à Vila América ambos no bairro da Liberdade, outro no São José, próximo a Praça do Trabalho, outro no bairro conhecido como Casa de Pedra, o atual Centenário, mais um no José Pinheiro, outro no Alto Branco, próximo a uma caixa d'água com a pretensão de abastecer, a sede municipal, e àqueles que não dispunham de água encanada. Ainda hoje, esse açude se encontra em atividade e minorando as necessidades de água de várias cidades do Brejo paraibano.

### **A falta de água e os incômodos causados a sua população**

Silva Filho (2005, p. 198) diz que, no ano de 1952, Campina Grande com seus cento e setenta e cinco mil habitantes, atravessava uma das fases mais críticas de sua existência como grande cidade, devido à séria falta de água. Diz que, se não fossem tomadas as providências necessárias por parte dos poderes políticos, a cidade iria sucumbir por falta absoluta d'água. O autor acrescenta que, diante desse problema a população estava se utilizando dos mananciais mais impróprios, verdadeiros viveiros de bactérias e de germes, que podia matar a cede, mas causava a morte, a população pobre teria sido a mais afetada por essa forte crise.

Os distritos de Fagundes e Galante também passavam por problemas em comum, a falta de água. A população sofria muito ao ter que buscar água em animais ou em latas na cabeça de lugares distantes ou pagar carros-pipas e cargas de água, ver mais em ARAÚJO (2013). Já em Campina Grande, só tinha água encanada aqueles mais ricos e alguns da classe média que tinham condições financeiras de pagarem as tubulações necessárias para que a água chegasse às torneiras, já as pessoas que não tinham tal condição recorriam aos sete chafarizes construídos nos anos 30 durante o governo de Argemiro de Figueiredo como uma tentativa de minorar a falta de abastecimento. Para tanto, seus moradores tinham que enfrentar várias filas que se prolongavam desde a madrugada, como nos relatou a senhora Terezinha<sup>3</sup> em sua entrevista ao dizer que saía ainda cedo com sua irmã para enfrentar a grande fila no chafariz

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada em 22 de junho de 2014. Rita Sales, moradora de Campina Grande, do lar, atualmente com 79 anos.

<sup>3</sup> Entrevista realizada em 23 de junho de 2014. Terezinha Barbosa Lins, moradora de Campina Grande, aposentada, atualmente com 79 anos.

localizado no bairro da liberdade próximo a Villa América, visto que, existia uma grande disputa por esse bem tão precioso e necessário para as atividades domésticas do dia a dia. Um caso nos chama a atenção, como o que foi citado num processo crime, como o que conta Souza (2006):

Na tarde do dia 17 de fevereiro de 1945, a jovem Vanilde Guedes saiu em busca de um pote d'água numa cacimba para as necessidades da casa dos seus pais. Quando estava pegando água, próximo ao açude de Bodocongó, subúrbio da cidade, apareceu um morador e capataz da propriedade, que dirigiu-se a ela chamando-a de "puta sem-vergonha" e mandando que colocasse a água de volta na cacimba. Assustada, Vanilde gritou pelo pai e por um irmão, que vieram em seu socorro, tendo o capataz discutido e se atracado com o pai de Vanilde, disparando um tiro de pistola que o prostrou ao chão, vindo o agricultor José Joaquim Ferreira a falecer no dia seguinte. (SOUZA 2006, p.86).

No episódio citado, podemos perceber o quanto a água era importante para as pessoas que dela dependiam diretamente para os afazeres domésticos. Era um líquido precioso para muitas famílias, e por sua causa, a área próxima ao açude de Bodocongó era um local de tensões e atritos. Também vinha a ser utilizado como barganha política, ou seja, estratégias, que em CERTEAU (2007, p.99) vem a ser o cálculo ou a manipulação das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado, pois alguns proprietários de terras próximas ao açude permitiam que se retirasse água, dessa forma ficando aquele agricultor e sua família a lhe dever favores. O fato narrado por SOUZA (2006, p.86) ainda vai nos trazer a presença de algo que estava a ocorrer por cidades que estariam a se desenvolver que era a expulsão das classes menos favorecidas da sociedade para os subúrbios ou a zona rural como uma tentativa da elite de implantar um modelo de burguesia, essa que não admitia algazaras, criações de animais próximos às casas, entre outras normas a serem seguidas.

### **Mudanças Estéticas e Sanitárias (novas cidades)**

Desde a segunda metade do século XIX, algumas capitais e cidades brasileiras vinham experimentando mudanças estéticas e higiênico/sanitárias, especialmente suas ruas e áreas centrais. Essas experiências inspiravam-se na medicina social e foram articuladas em torno do ideário de civilização e progresso comum em países como França e Inglaterra; no século XX, seriam incorporados projetos de urbanização de cidades norte-americanas. Praticamente todas as incipientes mudanças ocorridas nas cidades brasileiras, ainda no século XIX, partiam dos

discursos e das novas questões levantadas na sociedade por higienistas e sanitaristas, o que leva a associá-las de imediato aos problemas de saúde e às constantes epidemias que aí ocorriam, mas também ao seu crescimento e às necessidades de adequá-lo às exigências do capitalismo em expansão. Os caminhos percorridos por cada cidade, desde a elaboração de posturas municipais, cadastros, projetos e plantas, até a efetivação das primeiras mudanças nas suas áreas centrais, seguiam quase um ritual, muito embora variassem de acordo com as condições econômicas e mesológicas locais ou regionais, os grupos sociais que as esposassem e o período em que eram realizadas. Capitais e cidades como Recife, Fortaleza, São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Santos, etc., tiveram nos constantes surtos epidêmicos e econômicos, ocorridos na segunda metade do século XIX e no início do XX, os esteios necessários para que uma nova forma de conceber o espaço urbano e seus habitantes fosse gestada, inspirada em corolários europeus.

As tensões e apreensões vividas por letrados europeus, com particularidades, foram apreendidas por intelectuais brasileiros que, de ópticas diversas, puseram na ordem do dia a necessidade de transformar as nossas cidades, tornando-as higienizadas e aprazíveis para seus moradores, investidores e visitantes. Portanto, no Brasil, em um momento difícil de precisar, as habitações populares, os becos e travessas passaram a ser assediados por médicos sanitaristas, administradores e letrados em geral, por serem considerados ambientes propícios à difusão de doenças e de práticas genericamente denominadas de "promíscuas" como o fato citado por MENDES (1999):

Quando não estava em São Vicente, ou na feira, carregava água do açude velho para sua casa e casas vizinhas, ganhando alguns tostões. Com o verão e a seca, aproveitava para ali tomar banho e nadar, com outras crianças. Na volta, com seus cabelos duros de lodo, levava seu pequeno carro de madeira, com duas latas daquela água esverdeada para lavagem de roupas e banho dos irmãos menores. Muitas vezes, a noite, voltava ao velho açude, na companhia do pai, que ia pescar piabas, com uma pequena tarrafa, apanhando mais latas velhas e garranchos do que peixe. Alguns anos mais tarde, Manuel iria descobrir que, além de algumas piabas, garranchos e latas enferrujadas, apanhara também uma esquistossomose. MENDES (1999, 58)

Em lugares tão diferentes e distantes, como Porto Alegre e Florianópolis, no extremo sul, e Fortaleza e Recife, no nordeste, é possível encontrar denúncias contra cortiços e casas de cômodos, os maus hábitos que aí proliferavam e apelos para que fossem excluídos das áreas centrais. Isto dá ao discurso higienista, que se espraiava pelo país (com um forte teor moralista e econômico), cores e ares universais, mostrando quanto as nossas elites e letrados estavam sintonizados com os discursos e valores que se expandiam junto às empresas e investimentos de capitais ingleses, franceses e americanos mundo afora. Esse olhar voltado

para as habitações e costumes dos moradores da cidade tinha, no entanto, facetas diversas: por um lado, denunciava e identificava problemas, especialmente quando localizados nas áreas centrais ou em áreas que estavam sendo incorporadas a estas. Não há na bibliografia exemplos marcantes de preocupações de letrados com habitações localizadas nos subúrbios, ou em áreas muito afastadas dos centros das cidades; contrariamente, encontram-se nas fontes para Campina Grande e outras cidades brasileiras, discursos em que explicitamente afirma-se que o lugar dos pobres e dos trabalhadores é o subúrbio. Como as áreas centrais eram os lugares que mais se valorizavam, sendo centro comercial e, até certo momento, local de moradia das elites proprietárias, estas investidas têm uma dimensão tanto sanitária quanto econômica e de segregação social como bem coloca o Senhor José Ferreira<sup>4</sup> em entrevista:

Quem tinha condições de fazer uma cisterna, ou de colocar água encanada era quem tinha água em casa, mas isso era difícil só quem tinha mesmo era o povo do centro que tinha condição, eu as vezes pegava água na casa de um fiscal do Estado que fiz amizade quando eu trabalhava na SANBRA, mas isso era muito difícil só tinha água mesmo nas torneiras quem tivesse dinheiro e isso só era lá para os lados do centro. (2014)

Por outro lado, esse olhar não percebia como problema apenas as habitações e moradias populares, mas toda e qualquer construção, meio de transporte e hábito que estivesse fora dos padrões aceitos como modernos, o que atingia antigos casarões coloniais, hábitos e práticas políticas esposados pelas elites proprietárias remanescentes dos imperiais, ou mesmo por novos ricos a elas associados. Da forma como foram apropriadas pelos sanitaristas, administradores e letrados brasileiros, as questões de saneamento urbano e social e de embelezamento das ruas, praças e avenidas centrais estavam intimamente ligadas. Eram partes constitutivas de um amplo e mesmo projeto, embora muitas vezes aparecessem separadamente ou fossem implementadas em momentos e por caminhos diferentes. De acordo com Sousa (2006), mudar as condições sanitárias de uma cidade ou aformoseá-la significava também, e deliberadamente, interferir e erradicar os maus hábitos e costumes dos seus moradores, darem-lhe uma nova fisionomia e plasticidade e criar usos condizentes com os padrões da civilidade burguesa.

### **Água um Caminho para a Civilização**

Segundo Silva Filho (2005), a construção da barragem de Vaca Brava aparece, no

<sup>4</sup> Entrevista realizada em 22 de junho de 2014. José Ferreira da Silva, morador de Campina Grande, Torneiro mecânico aposentado, atualmente com 82 anos.

ideário da elite campinense, como a concretização das aspirações de uma população sedenta que há muito ansiava por um sistema de abastecimento de água compatível com as crescentes necessidades de Campina Grande. Até então, a provisão de água era realizada para aqueles que podiam pagar, pelos tradicionais aguadeiros, que podem ser vistos em foto, na obra de Cristino Pimentel, *Abrindo o Livro do Passado*, na qual homens descem a Rua João Suassuna montados em burros que carregavam água em ancoretas e latas nas carroças de burro. Desenvolviam, assim, sua função de distribuidores de água, como bem fazia o conhecido João Vieira, o João Carga d'Água, que liderou os revoltosos na feira de Campina Grande, em 1874, quebraram medidas e pesos, fornecidos pelo poder público municipal aos feirantes, atirando-os no Açude Velho.

Esses aguadeiros se utilizavam de animais de carga para transportar, desde mananciais públicos ou privados, o precioso líquido que nem sempre era potável ou de boa qualidade como coloca Pimentel:

Há pouco me relatou uma senhora que um desses profissionais [carregadores de água] pegou um bocado de pano e algodão que havia servido de amparo a ferida de “pé cheiroso”, e tampou uma das latas em que conduzia a água à sua freguesia. Quem não conhece “pé cheiroso”, esse mendigo sujo e infeliz que arrasta a cruz pesada e dolorosa da vida, com uma chaga imunda em um pé minando-lhe a existência? (PIMENTEL apud Ó, 2005).

Logo, para alguns o abastecimento d'água faria com que esse tipo de acontecimento fosse banido como também as imundícies, os sinais de pouca civilização e educação que se encontrava nesse povo. Com essa água saneada acreditava-se que ganharia um maior número de gente mais refinada a frequentar e morar na cidade. O abastecimento d'água, no entanto, não era tudo. Uma cidade civilizada da forma que vinham propagando deveria receber maiores empreendimentos.

Portanto encontramos aí projeções de cidades ideais, que buscam de certa forma planos que sanem os problemas sociais que se aglomeram com o crescimento desenfreado das cidades seguindo o curso da industrialização que se expande pelo mundo, com inúmeros tratados urbanísticos e arquitetônicos na busca de possibilitar as populações uma maior mobilidade como também o escoamento das mercadorias, com implantação de ruas mais largas, coletivos, infraestrutura com água e esgoto, daí a urbanização vai tomando seu espaço e caracterizando as cidades, ou seja, tudo aquilo que a população de Campina Grande vinha passando com o grande aumento populacional, problema esse que se prolonga por anos dos séculos seguintes. Mesmo com a ampliação de pesquisas, somente no início do século XX, a

ciência das cidades - o urbanismo encontraria a sua configuração completa, que ao observarmos se mantém pouco alterado até os dias atuais, dessa forma vindo à história ter aí o seu papel na formação do saber sobre a cidade, visto que, ela irá relatar os projetos e intervenções ocorridos a cada época como a dos médicos e os sanitaristas que estavam aliados a políticas governamentais, de certa forma esses profissionais traziam a tona, que para se viver nas cidades seria necessário desenvolver uma nova sensibilidade, educando o olhar, a audição, o olfato, sentidos que nos orientam para vivermos na “selva urbana”, como um homem individualista, transformado na busca pela sobrevivência, inclusive da água bem preciosa a sua vida, bem esse que os moradores de Campina Grande em meados dos anos 50 e 60 ainda estariam a pelear para ter em suas casas para os serviços essenciais do seu cotidiano, já que, tentativa como os Açudes Velho, Novo, de Bodocongó, de Puxinanã, e a barragem Vaca Brava, como também a construção de chafarizes de onde se distribuía a água não obtendo êxito em nenhuma das obras, vindo apenas em 1957 obter certo alívio com a construção do açude Epitácio Pessoa (Boqueirão).

### **Os chafarizes e as sociabilidades**



Tendo por base alguns depoimentos de moradores da cidade que viveram nos anos 50 e 60 do século XX, como também de algumas obras historiográficas que relatam fatos relacionados ao abastecimento, podemos encontrar relatos que foram de fundamental importância para a realização do nosso trabalho, pois foram a partir deles que descobrimos



que os sete chafarizes estavam espalhados pela cidade sendo o bairro da liberdade privilegiado por receber a construção de dois chafariz um situado na Rua Vinte Quatro de Maio (Rua do fogo) e o outro próximo a Villa América, que no referido período era para muitos a única forma de se conseguir água. Chafarizes que ficavam sobe a guarda de um funcionário público da prefeitura, que estava ali para organizar as longas filas que se formavam desde a madrugada, onde os moradores colocavam ancoretas<sup>5</sup>, latas e galões<sup>6</sup> para marcar a sua vez e quando chegava sua vez, o morador enchia a lata e pagava uma quantia de dois tostões (moeda da época) ao fiscal o que para eles era compensatório, pois estavam a pagar por uma água de boa qualidade que vinha da barragem Vaca Brava, que era de tamanha importância para suas sobrevivências, pois, essa água era para as necessidades domésticas e para a lavagem de roupas tinham que recorrer ao Açude Velho. Mas, vale lembrar que por muitas vezes essas pessoas passavam muito tempo na fila, cerca de meio dia ou mais e quando chegava a sua vez a água acabava, tendo eles que tentarem conseguir água em uma caixa d'água que tinha no bairro do Alto Branco onde estava a estação de tratamento, algo muito triste para quem passou horas e horas na fila. Mas, percebemos que mesmo diante de tanto sofrimento e peleja pela busca de água, muitos desses moradores viam nessas ocasiões chances de conversarem sobre fatos que se passavam no dia a dia como coloca o senhor Edgar Araujo<sup>7</sup>:

Era alegre, era festa, era briga por causa das filas da lata o cabra querendo passar na frente dos outros, era muita fila, era muita gente, era tinham seis filas, mas em todo lugar tem isso o cabra querendo passar a frente ai o povo não deixava e ai um pouco o pau estava comendo, era muita gente (...). Eu era um rapaz, a conversa da gente era sobre o cinema, a matinê no fim de semana e falava de tudo também, das brigas que começavam era rápido davam uns bofetes e logo se apartava e depois já estavam sorrindo novamente todo mundo junto. (2014).

Partindo desse depoimento, percebemos que os momentos no entorno dos chafarizes eram diversos, onde se passava de tudo desde brigas a momentos alegres como também de amizades e de negócios, pois algumas pessoas se aproveitavam do problema do abastecimento para ganharem um pouco de dinheiro pegando água nos chafariz e revendendo, como um senhor chamado Zé da água que, segundo o senhor José Ferreira, era vendedor de água e criava um vinculo de amizade com seus compradores que por sinal só o pagavam no final do

<sup>5</sup> Ancoreta: barris pequenos geralmente feitos com madeira e borracha que serviam para transportar água.

<sup>6</sup> Galões: latas amarradas em pedaços de madeira que serviam para transportar água em animais ou as próprias pessoas levavam em seus ombros.

<sup>7</sup> Entrevista realizada em 23 de junho de 2014. Edgar Araújo, morador de Campina Grande, Pintor de automóveis aposentado, atualmente com 83 anos.

mês. Mesmo diante de tanta luta ainda se criavam amizades, independente da classe ou cor, pois aquela época quem tivesse alguma posse colocava água encanada em casa, mas isso só ocorria na região central da cidade onde estavam às pessoas mais abastardas da sociedade que vinha se criando.

Encontramos ainda diante desse problema de abastecimento a presença de pessoas que se utilizavam de algumas táticas que, segundo Certeau (2007) é a ação calculada, essa que era utilizada para se obter mais água ou romper com a fila, o que segundo relatos de pessoas da época causava alguns conflitos com trocas de tapas e murros. Mas nada tão sério, pois logo estavam todos a sorrir novamente, como fato em que se utilizasse de táticas para furar a fila temos o caso do menino “espeto”, como relata o depoimento de um senhor em crônica dominical de Josemir Camilo:

Aí eu ia. Sabe por que eu levava logo quatro lata? Era duas nova e duas velha. Eu era espeto! Eu pegava, fazia assim: pegava as duas lata nova enchia e botava no galão pra levar, mas o que é eu fazia? Deixava as duas lata pra guardar o meu lugar e pedia ao povo que fosse empurrando minhas latas, porque eu num pulo ia em casa com as duas lata cheia, despejava e corria pra pegar o lugar das duas lata velha e botava mais as duas nova que eu carregava depois. Agora; era bom quando tinha cachorrada, porque as mulheres brigavam, viu? Era! Por causa da fila (...). Aí o que é eu fazia? Eu pegava aproveitava a briga e empurrava a minha lata pra frente. Mas teve um dia numa arenga dessa, que a mulher viu quando eu meti minha lata pra frente e o chafarizeiro encheu. Aí ela meteu o pontapé e derramou. Mas o chafarizeiro foi até camarada e ele mandou a mulher pagar a lata d'água, parece que era dois tostão. Ela pagou. (Jornal da Paraíba, Suplemento Painei, 10/06/2001)

Como podemos perceber, no fato relatado acima, os momentos de sociabilidades no entorno dos chafarizes eram diversos, pois poderiam ocorrer desde fatos cômicos até alguns conflitos, como o citado pelo menino que se dizia “espeto”. Até mesmo faziam-se amizades como a dele com o chafarizeiro que vinha a ser um fiscal da prefeitura órgão público que administrava o abastecimento no chafariz, esses que em alguns lugares eram com cinco torneiras e em outros com quatro ou uma.

Observa-se que, nesse fato citado, a sociabilidade entre os moradores também se dava através dos conflitos. Portanto, podemos perceber que com critérios diferentes daqueles usados pelas elites, pelos intelectuais e pelo aparato jurídico policial. A própria população definia quem era bom ou mau, quem podia ou não ser considerado digno de frequentar tais locais. Uma interpretação menos atenta das populações que se encontravam nos bairros pode identificá-las ou caracterizá-las, mas havia também um conjunto de regras de sociabilidade

que prescindiam de movimentos extravagantes e ostentatórios, que poderiam ser vistos entre as elites, mas que de alguma forma eram escondidos. Eram estas regras que permitiam aos moradores dos bairros administrarem seus conflitos, sempre na tentativa de evitar que a polícia ou a justiça interferisse, de forma quase sempre autoritária em suas vidas cotidianas, como nos relatou o senhor Edgar em uma de nossas entrevistas, dizendo que brigavam e logo em seguida estavam sorrindo todos juntos.

### **Considerações**

Logo, podemos compreender que mesmo diante da insatisfação pela falta de abastecimento de água, ou mesmo pela tristeza de se esperar por horas para receber uma ou mais latas d'água como nos relatou a senhora Rita Sales em entrevista dizendo que eram momentos muito tristes, pois deixava seus filhos ainda crianças trancados sozinhos em casa, por fazer parte dessa população que recorria aos chafarizes, já outros viam nesses momentos um momento de descontração, onde se falava de tudo que se passava no dia a dia da cidade desde fatos corriqueiros a fatos políticos.

Além de tudo, no decorrer dessa pesquisa foi possível perceber que a política em si influenciou de forma direta e indireta na vida das pessoas, direta quando os políticos assumiram o seu papel de representantes dos direitos do povo e realizaram obras para as melhorias das condições de vida dessas populações, mesmo que, devido a pressões, e indiretamente, quando se utilizaram desse poder e realizam feitorias com o objetivo de conseguir votos. Para Bourdieu (1990), a partir do momento que eleitos pelo povo, os políticos recebem outros tipos de poderes que vão além daquele de representar a vontade e o direito da população, o líder político passa a ser investido de poder transcendental ou de poder simbólico. Logo, em posse desses poderes, esses líderes possuem força suficiente para conseguir prestígios e assim liderar idéias.

Foi com o objetivo de entender como se dava o processo de sociabilidade, as táticas utilizadas por alguns que queriam passar a frente nas filas e o que isso causava entre a população de Campina Grande que tinha o seu abastecimento de água através dos chafarizes, que surgiu o interesse por esse tema. Portanto, tendo uma base teórica para desenvolver estudos sobre esse acontecimento, assim como o uso de história oral e as demais fontes, não havia motivos para deixar de falar sobre assunto a meu ver relevante. Embora a trajetória para chegar a esses fins sobre como se deu tal processo não tenha sido simples, devido à falta de

fontes escritas suficientes, ela se tornou prazerosa a partir do momento que houve a necessidade de ir ao encontro das diversas fontes: orais, livros, etc. Cada uma permitiu grandes contribuições e deixou a mensagem de que, se não temos algo suficiente para desenvolver um tema não é motivo para desistir, mas para aumentar vontade de alcançar o desconhecido.

## REFERENCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ALMEIDA, Elpidio de. **Historia de Campina Grande**. Livraria Pedrosa, Campina Grande, Paraíba, 1962.

ARAÚJO, Josefa Paula. **Quebra-canos: Disputa por água no Agreste da Borborema (Fagundes na Década de 1980)**. UEPB/ Departamento de História. Campina Grande/PB, 2013. Trabalho Acadêmico Orientado.

BARROS, José D'Assunção. História Política e História Social. In: **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A delegação e o fetichismo *político*. In: \_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.p.188-206.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História In: **Cidade: história e desafios**. (Org. Lúcia Lippi Oliveira) Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

CAMILO, Josemir. História da Crise de Água em Campina Grande (PB). In: **Retalhos Históricos de Campina Grande**. Acessado em 01 de julho de 2012.

CASTRO, Hebe. História Social. In: **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia** – Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (Orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997, pag. 76.

CERTEAU, Michel de, **“A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer”**. Rio de Janeiro. Vozes, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

\_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MENDES, Manuel Pessoa. **O Menino de Tracunhaném**. Brasília: ed. Thesaurus, 1999.

MINAYO, M.C de S., Deslandes, S.F.; Neto. O.C e Gomes. R. (2000). Pesquisa social teoria método e criatividade. Petrópolis: Vozes.

PINSKY, Carla Bassanazi. Histórias dentro da História. In: **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

**Revista Ricaa**. Nº 17. 2006. Acessado em 01 de julho de 2012.

SILVA FILHO, Lino Gomes da. **Síntese histórica de Campina Grande, 1670-1963**. João Pessoa-PB: Grafsef, 2005.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de confrontos – 1920-1945**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.